

## No coração da Rainha Ginga

### I

#### A Voz de Ginga em 1663

A morte já me assombra, mas quando os espíritos vierem buscar-me, vou poder olhá-los de frente e declarar que cumpri com honra o meu destino de rainha negra. Aves negras rondam os céus todas as noites desde há alguns dias. As aves gritam, traçando longos círculos no ar por cima da minha cubata e os gritos daqueles pássaros assustam ao meu povo. Outro dia um raio caiu em cima das mahmaba dos meus antepassados e muitos dos meus súbditos passaram a acreditar que perdi o favor dos espíritos que sempre estiveram do meu lado. Os maus presságios multiplicam-se, tudo parece uma intimação e o sinal da morte próxima. Já não me julgam abençoada como nos tempos em que lutava contra os portugueses ou contra o jagas. Mas outros prodígios contradizem esta crença e ainda há muitos que querem possuir um vaso ou um pedaço de pano em que eu tenha tocado para lhes servir de amuleto. As mães trazem as crianças à minha cubata para que eu as abençoe e existem muitos doentes que procuram na minha mão a cura.

A velhice e a morte, já próximas, juntam a sua majestade à minha fama de guerreira. No entanto, a ficção oficial de que uma rainha não tem fantasmas nem receios esbarra com os meus pesadelos. Os mortos que me visitam têm muito mais nitidez do que o feiticeiro Kezi que todas as noites faz rezas e ou a escrava Lueji que me dá de comer à boca. Peles de onça, de zebra e de leopardo, todas bem curtidas, moles e quentes fazem o leito que me acolhe a mim e aos meus mortos. O quarto está mergulhado numa penumbra que convida à sua entrada.

Tusso e respiro ainda, de resto a minha existência mistura-se com a dos meus fantasmas. O meu filho Kanjila, o meu irmão Mbandi e a minha irmã Fungi rodeiam-me com as suas vozes e, do outro lado do mundo, chegam-me os seus murmúrios de infinita desolação. A aproximação da morte permite-me estabelecer com os espíritos dos antepassados uma estreita intimidade. Os vivos que insistem em rodear-me com os seus rostos fechados, a minha irmã Mocambo que me vai suceder, os meus familiares próximos, os meus capitães de guerra, sobretudo Jinga a Mona, os makotas, não sabem como as

suas palavras deixaram de me interessar. Quando me vêm visitar viro a cabeça para o lado. Pouco falo com eles, cada frase é um esforço tremendo a que vou renunciando para melhor me concentrar no passado.

A figura do meu filho Kanjila destaca-se dos outros espíritos, nítida, como quando tinha quinze anos, de sorriso radioso numa pose de guerreiro. Havia um excesso em tudo o que esse meu filho fazia – era sempre o primeiro, nas caçadas do leão, a pôr-se à frente dos restantes caçadores e, contra a minha vontade, oferecia-se para combater em todas as escaramuças contra os portugueses ou contra os sobas revoltosos – mas aos quinze anos ser excessivo é uma virtude. Vi-o rejeitar os privilégios da sua condição de príncipe, a dormir no chão no meio dos guardas, a submeter o seu corpo jovem a todos os riscos a que os outros se expunham e a ultrapassá-los. O meu irmão Ngola Mbandi quando subiu ao poder mandou assassinar Kanjila por achar que ele podia ser um rival. Mbandi sempre foi um covarde, temia o próprio nevoeiro e por não admitir ameaças ao seu reinado ordenou a morte do meu filho. Esse assassinato constituiu o fim e o princípio de tudo. As palavras que vieram anunciar-me a morte de Kanjila culminaram numa explosão de lágrimas. Caí de joelhos e ergui as mãos para o ar. Na ponta dos meus dedos só havia a dor ou ainda essa espécie de nuvens onde vivem os antepassados. O mensageiro virou a cabeça e o mesmo fizeram os meus guardas. Aquela morte contaminou-me, como se também eu passasse a ser carne morta e em vez de me cobiçarem – seios, cabelos, rabo – desviavam o olhar.

Entrei na minha cubata, Os meus gritos cessaram e acabaram-se ao mesmo tempo todas as lágrimas. E, nesse instante, começou a minha decisão de me tornar rainha e de matar o meu irmão. As minhas escravas escusavam de se afastar como se fosse obsceno chorar. Nunca mais chorei, e a minha vida tornou-se um largo carreiro para a vingança.

Mandei envenenar o meu irmão sob o pretexto que ele era um fraco e que fugia dos portugueses em vez de os combater. Disse-me o escravo que lhe pôs o veneno no fungi que, na sua longa agonia, ele evocou os espíritos dos antepassados, e adivinhando quem o matara, desejou que eu expirasse daqui a muitos anos, sofrendo dores terríveis de um mal incurável. Pediu também, caso eu viesse a ser rainha, que as suas pragas recaíssem sobre o todo o povo mbundu. Se me aceitassem como sua rainha, os espíritos exigiriam terríveis vinganças: epidemias, secas e guerra. Os seus votos só em parte foram atendidos.

A possibilidade de tirar a máscara que usei para assaltar o poder, é talvez a única vantagem que a iminência do fim me traz. Não soube da morte do meu irmão com alegria, mas nunca senti remorsos. A fraqueza nunca me pareceu

desculpa para a maldade humana. Digam o que disserem os laços de parentesco são frágeis quando nenhum amor os sustenta. Eu corri pelas matas com o meu irmão Mbandi, ele pegou ao colo o meu filho, mas nada disso contou. O meu ódio exigia este desfecho.

Também coloquei os interesses do reino e as tácticas militares à frente dos laços entre irmãs. Podia ter salvado a minha irmã Fungi da decapitação. Devia ter recuado no ataque das minhas forças ao forte Massangano e desse facto me arrependo. O comandante do forte tinha-me avisado de que mataria as minhas irmãs. As minhas tropas jaga eram disciplinadas e não um bando de guerreiros presos aos interesses linhagem e prontos a degolar quem se opusesse aos interesses da família. Eram lutadores do kilombo. Quando o mensageiro trouxe a missiva, ameaçando a vida de Fungi, os guerreiros rodearam-me, esperando novas ordens. Exigi silêncio e pela expressão feroz do meu rosto, mesmo o mais distraído dos meus guerreiros percebeu que o ataque era para prosseguir.

Ter-me-iam obedecido se tivesse mandado parar o cerco. Todos sabiam que mesmo que ganhássemos aos portugueses, aquela vitória não seria definitiva, nem tão pouco a nossa derrota valeria alguma coisa. Logo chegariam mais homens brancos e mais armas de fogo, contra as quais a coragem dos nossos guerreiros poderia não ser suficiente. A minha reputação era enorme e poderia ter imposto aos guerreiros a retirada. Algumas audácias imprudentes em si mesmas conseguiram mostrar aos portugueses que poderíamos vencer. Por isso não consegui desistir dessa vitória tão próxima, cujo desfecho acabou por ser uma enorme derrota pessoal: a morte da minha irmã. Então uma manhã, já em Matamba, um manilumbo dos portugueses atravessou as nossas fronteiras, dizendo que tinha um cesto do capitão para entregar à rainha. Não sei como os meus capitães deixaram passar o emissário. Quando se aproximou, ajoelhou-se e estendeu-me o cesto. Era um antigo guerreiro jaga que se juntara ao inimigo. Reparei que o seu rosto estava crivado de tensão, que as mãos tremiam ao estender-me o que trouxera, que os olhos fixos no chão se esqueciam de pestanejar. Afastei as enormes moscas que zuniam em volta e as folhas verdes que cobriam o conteúdo. Tão inesperado como o que vi, foi o grito que não consegui suster. Lá dentro estava a cabeça ensanguentada de Fungi e tão desfigurada que nunca mais consegui lembrar-me do seu rosto intacto.

Os traços dessa traição conservam-se visíveis ainda hoje: a imagem da minha irmã, que insiste em fitar-me, só me aparece de cabeça cortada. E dos seus olhos semi-cerrados escorrem lágrimas de sangue. Os meus fantasmas pertencem ao alvorecer dos tempos, mas é de noite que o seu espírito me acusa pelos erros

do meu passado. Do lado de fora da minha cubata, o meu povo dança, salta, grita, faz caretas aos espíritos da aves e dos animais, tentando afugentá-los numa vibrante refrega em minha honra. Homens e mulheres que se mortificam e se rebolam na areia vermelha do largo, ao mesmo tempo que se lamentam em altos brados: «Que vai ser de nós sem Ginga?».

As labaredas das fogueiras estão altas, mas não me iluminam porque o meu mundo deixou de ser terrestre e os gritos do meu povo vão ficando abafados e só ressoam de longe. Os meus fantasmas sobem carreiros e mais carreiros, uma rede de carreiros acima do alto capim e os seus pés espelham os meus percursos no meio de capim queimado, no meio do mato que sobe e desce por ravinas frescas ou por colinas pedregosas. Só os seus espectros podem perscrutar as encruzilhadas dos meus caminhos. Sou eu que me revejo a partir para todos esses percursos, seguindo atrás da solidão, sem uma pessoa, nem uma cubata. As únicas vozes que se fazem ouvir são as do meu filho Kanjila, do meu irmão Mbandi e da minha irmã Fungi e repetem vezes sem conta: mataste-me com a tua ambição. Nunca perdi a aversão pela destruição inútil e, no entanto, a minha vida foi construída sobre essas e muitas outras mortes.

O destino de quem vai morrer está ao abrigo de reveses e, para os meus súbditos, mesmo as minhas derrotas adquirem agora um esplendor de vitória. Nestas noites em que oiço os batuques, volto às vezes a ser o que era, correndo nas matas e, no capim, com os meus amigos da juventude. E só os jovens são capazes de viver momentos assim, em que o sonho nunca se recolhe. Só eles têm a audácia de conquistar o mundo. É dada a essas idades o privilégio de viver antecipadamente os dias da sua vida com plena esperança. Na juventude somos pouco dados a introspecções e acreditamos que seremos capazes de tornar o impossível perfeitamente realizável. Estas palavras aplicam-se a mim, Ginga, porque, tendo nascido mulher, as supremas aspirações de juventude deveriam reduzir-se a ser a primeira esposa de um makota, mesmo sendo a mais velha filha do Ngola Kiluangi. Porém, sempre recusei que me tratassem como mais uma mulher, sem valor próprio. Quando tinha doze anos, para horror da minha mãe, afirmei alto e bom som que viria a ser rainha. Esta é a minha história.

A velhice dá-nos a possibilidade de perceber que dentro dos factos há muitas histórias secretas e que em cada fase da vida existe uma narrativa interior a abrir-se constantemente para que a memória selecione o mais importante. Mas mesmo os traços de meu filho Kanjila, do meu irmão Mbandi e da minha irmã Fungi se esbateram. É isso que a morte faz, tira, tira, de modo que tudo o que fica nas nossas recordações é leve, rasto de cinza entornada.

## NOTA BIOGRÁFICA

Ana Cristina Silva nasceu em Lisboa, é doutorada em Psicologia da Educação e docente no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA-IU). Especializou-se na área da aprendizagem da leitura e da escrita, tendo publicado numerosos trabalhos científicos em Portugal e no estrangeiro. É autora, até à presente data, de dez romances: *Mariana, Todas as Cartas* (2002), *A Mulher Transparente* (2003), *Bela* (2005), *À Meia-luz* (2006), *As Fogueiras da Inquisição* (2008), *A Dama Negra da Ilha dos Escravos* (2009), *Crónica do Rei-Poeta Al-Muṭamid* (2010), *Cartas Vermelhas* (2011, selecionado como Livro do Ano pelo jornal *Expresso* e finalista do Prémio Literário Fernando Namora), *O Rei do Monte Brasil* (2012, finalista do Prémio SPA/RTP e do Prémio Literário Fernando Namora, e vencedor do prémio Urbano Tavares Rodrigues) e *A Segunda Morte de Anna Karénina* (2013, finalista do Prémio Literário Fernando Namora).